



**Revista de Turismo: publicação quinzenal de turismo, propaganda, viagens, navegação, arte e literatura** – Quinzenário publicado em **Lisboa**, ao longo de 141 números, entre 5 de Julho de 1916 e Março de 1924, em duas séries, inicialmente ao preço unitário de 5 centavos até 1\$00 (1.000 réis). Tinha escritório no n.º 28 do Largo da Abegoaria (depois Bordalo Pinheiro). Cinco anos depois da institucionalização do turismo em Portugal, surge esta primeira revista inteiramente dedicada ao sector. Referenciada como “Publicação quinzenal, de turismo, propaganda, viagens, navegação, arte e literatura”, era propriedade da Empresa da Revista de Turismo, tendo **Agostinho Lourenço** como director e **Guerra Maio** como redactor principal, ambos do início até ao fim da publicação, e **Annibal Rebello** e, depois, **F. Fernandes Villas**, como editores, aparecendo ainda, não desde o início, **José Lisboa**, como secretário.

#### **Natureza e contexto editorial**

Em provável sintonia com o regime republicano que abraçara em 1911 a causa da institucionalização do turismo, **a *Revista de Turismo* era essencialmente escrita por apaixonados pela viagem e pela divulgação dos recursos turísticos nacionais, na continuidade dos múltiplos artigos que a *Gazeta dos Caminhos Ferro* fazia desde o século XIX.**

**A *Revista de Turismo* marca em Portugal a tendência, em termos internacionais, de divisão de temáticas e especialização.** O turismo como pauta constante, devido ao crescimento de interesse da sociedade por esta actividade e a própria institucionalização pelo governo.

O primeiro editorial da *Revista de Turismo*, denominado de “Abrindo...”, refere a crise como motivo para a publicação de uma revista dedicada ao turismo e que fizesse “desenvolver o gosto das viagens”, à semelhança do que acontecia noutros países. O articulista enuncia, por esta ordem, França, Suíça, Itália e Espanha. Sublinha as condições climáticas do país, as suas paisagens, costa marítima e águas minerais, pelo que seria “preciso, pois, defender as preciosidades com que a Natureza tão prodigamente nos dotou, e é esse o principal objectivo da nossa campanha para o que possuímos uma excepcional boa vontade e uma coragem transcendente.”<sup>1</sup>

A essa coragem não seria alheia a existência de poucas situações de promoção do turismo, na época, o que se justificava pela situação de conflito militar que se vivia.

---

<sup>1</sup> “Abrindo...”, in *Revista de Turismo*, ano I, n.º 1, 5 de Julho de 1916, p.1.

**A Revista de Turismo foi pioneira e manteve-se durante a sua existência como única do género.** Apenas a *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, que sempre destacou o turismo, oferecia diversos artigos, específicos ou soltos, à volta da viagem, da hotelaria, do excursionismo, das paisagens, das estâncias termais e balneares, o que correspondia ao interesse crescente que estes locais tinham para os turistas e para o desenvolvimento do sector.

Apresentou-se, segundo, a sua direcção, como “producto d’um ideal. Teve um começo e tem uma finalidade. Não é uma publicação vulgar para passatempo da ociosidade; tampouco é a resultante d’um simples capricho. Ela representa, em toda a sua vida de quatro consecutivos anos, o tributo que impuzémos a nós-mesmo pagar á nossa querida Pátria, como obrigação indeclinavel de contribuirmos d’algum modo para a sua felicidade, para o seu bem-estar, para a tornarmos grande. Na relação das nossas forças.”<sup>2</sup> À entrada do 5.º ano de publicação, esta revista apresentava-se “com outro aspecto, mais maneiro, talvez mais sympatico, podendo ser que por isso desperte maior interesse”<sup>3</sup> Mas manteria a sua índole de “órgão único, defensor da preciosa industria do Turismo – d’essa complexa industria que poucos conhecem com propriedade – ela continuará seguindo a linha de conducta que lhe foi traçada ao ser posta em prática a idéa que a creou.”<sup>4</sup>

A partir de Julho de 1920, aumentou a tiragem para 7.000 exemplares e mudou de formato, ostentando no frontespício um símbolo patriótico desenhado por **Ribeiro Christino**. Também se tornou “mais causticante nas suas apreciações, no simples intuito de alentar energias e nunca de ferir susceptibilidades”, não sendo, porém, uma publicação “de combate”, mas “só pelo Turismo”<sup>5</sup>.

A propósito deste aniversário, alguns outros periódicos dedicam-lhe alguns comentários: “mantendo a inflexível linha que adoptou” (*A Epoca*), “A arte, a literatura e os interesses nacionaes continuam merecendo as mais especiaes atenções da redacção” (*Diario de Noticias*), “interessantissima revista mensal de turismo, propaganda, viagens, navegação, arte e literatura” (*A Situação*), “mantendo sempre a mesma orientação patriótica do ressurgimento patrio pela exploração da industria do turismo” (*O Tempo*), “apreciavel revista que tão brilhantemente defende o Progresso de Portugal” (*O Barcelense*), “excelente revista de propaganda, viagens e navegação, arte e literatura, que desde o primeiro numero vem pugnando e defendendo a industria do Turismo”. (*Jornal d’Abrantes*) e “apresentando-se muito melhorada com excelente colaboração, noticiosa e anunciadora” (*Jornal de Extremoz*).

A colecção está encadernada em 8 volumes, representando o segundo semestre de um ano e o primeiro semestre do seguinte. O primeiro volume vai do n.º 1 ao 24 de 5 de Junho de 1916 a 20 de Junho de 1917 e o último do n.º 133 de Julho de 1923 ao n.º 144 de Junho de 1924.

---

<sup>2</sup> *Revista de Turismo*, n.º 97, Julho de 1920, p. 1.

<sup>3</sup> *Revista de Turismo*, n.º 97, Julho de 1920, pp. 1, 2.

<sup>4</sup> *Revista de Turismo*, n.º 97, Julho de 1920, p. 2.

<sup>5</sup> *Revista de Turismo*, n.º 97, Julho de 1920, p. 2.

Como convém numa publicação dedicada ao turismo, as imagens estão presentes, registando o mundo, função assumida pela foto. Ela possui grande importância, pois dá uma identidade visual aos locais e atractivos e torna a publicação mais real para os leitores. Os textos apresentam uma preocupação pela actualidade portuguesa e internacional e até pela teoria do Turismo.

A *Revista de Turismo* vendia-se em Portugal e Espanha. Em 1919, ao referir a renovação das assinaturas, lê-se: “Os assignantes da ‘Revista de Turismo’, procedendo d’esta forma, praticam um acto de patriotismo, pois mais uma vez beneficiam uma publicação que é a única em Portugal e que é forçoso que não acabe.” Todavia, no seu último oitavo ao de publicação, termina tal como “todas as iniciativas se esvahem, onde as boas-vontades se estiolam e os espíritos s’amarfanham, e onde, inclusivamente, o que representa uma obra de verdadeiro patriotismo – como é a Revista de Turismo – é impotente para triumphar e fazer triumphar a causa que defende. E todavia, todos falam em turismo – como se d’isso alguma coisa percebessem (...). É evidente que com este exquisito ambiente, em que a bondade cedeu lugar á maldade, não se pode caminhar.”<sup>6</sup>

## Recursos humanos

Inicialmente, mantém um corpo estável de direcção, estando muito assente no papel de Agostinho Lourenço e Guerra Maio, que se mantêm durante toda a existência da publicação. José Lisboa e Guerra Maio eram os principais autores dos artigos de fundo sobre turismo. A seguir a eles, outras figuras são importantes pela regularidade e substância na colaboração.

Alguns outros colaboradores eram figuras públicas. Designadamente, **Magalhães Lima**, considerado um dos patriarcas do turismo, presidente do Conselho de Turismo, antigo jornalista e propagandista; **Pedro d’Oliveira Pires**, director da Sociedade Propaganda de Portugal e organizador dos núcleos de propaganda que a SPP conseguia instalar em Portugal; **Manuel Emigdio da Silva**, jornalista ligado a diferentes iniciativas da SPP; **José de Athaide**, director da Repartição de Turismo; **Arthur Bual**, engenheiro e subdirector da Exploração do Porto de Lisboa; **Fernando Mendes**, colaborador irregular; **Ramos de Paiva**, propagandista da Serra da Estrela; **António Boto**, poeta; **Fernando de Souza**, engenheiro; **Vasconcelos Correia**, engenheiro e director da SPP; **Manuel Roldan y Pego**, engenheiro e director da SPP, e **Bentes Castel-Branco**, médico e proprietário das termas das Caldas de Monchique.

Mas **o conjunto de outros colaboradores é vasto**, alguns deles a título póstumo, tanto através de poemas, contos e outras prosas, ou na rubrica “Arte e Literatura” e textos técnicos de turismo. Contam-se os nomes de: A. Diogo Machado, Affonso Lopes Vieira, Affonso Simões, Alberto Bessa, Alberto da Silva Navarro. Alfredo Ansur, Alfredo Lindoso, Alfredo Pinto (Sacavém), Amadeu Pinto, Antero de Quental, António Botto, Antonio Correia d’Oliveira, António Fogaça, António Nobre, Armando Ferreira, Augusto d’Esaguy, Augusto

---

<sup>6</sup> *Revista de Turismo*, n.º 144, Junho de 1924, p. 577.

Gil, Campo Amor, Cândido Guerreiro, Coelho Neto, Conde de Monsaraz, Cruz Magalhães, Delfim Guimarães, Eça de Queiroz, Elias Gavinho, Eugénio de Castro, Francisco Fernandes Villas, Fausto Guedes Teixeira, Fernandes Costa, Fernando Caldeira, Fialho de Almeida, Fontoura Xavier, Gamo (pseudónimo), Gervásio Lobato, Gomes Leal, Gonçalves Crespo, Guerra Junqueiro, Ignotus (pseudónimo), J. Fernando de Souza, J. Isidro dos Reis, João da Ega, João de Deus, João Vilaverde, Joaquim de Lemos, Jorge Afonso, João Penha, José Duro, José Bruges d'Oliveira, Júlio Dantas, Labinna (pseudónimo), Marcelino Mesquita, Maria de Carvalho, Mário Beirão, Mário de Lisboa, Mário de Montalvão, Ribeiro de Carvalho, Salema Vaz, Simões Dias, Teixeira de Pascoaes, Thomaz Ribeiro, Vicente Arnoso, Xavier Magalhães, entre outros.

A *Revista de Turismo* contaria, também, com a colaboração irregular de figuras de outros países, como **Fernand David**, Presidente do Conselho de Administração da Repartição Oficial de Turismo (França); **Balif**, presidente do Touring Club de França; **Mario Antonio**, de Itália; e **Alban Derroja**, de França.

### Temas recorrentes

**Os temas e locais escolhidos são diversos. Abre com um artigo acerca do Porto de Lisboa**, considerado a “base primacial do Turismo em Portugal”, dada “a sua admirável situação, a sua excelente rede de caminhos-de-ferro, ligada, [sic] a Madrid, Paris, [sic] e ao centro da Europa, é garantia segura para um futuro de grande movimento de passageiros”, designadamente “do Brasil, da Argentina, do Pacífico (...) cheios de curiosidade uns, e outros já fartos de esperar nas suas terras da América, que a terrível e demorada guerra tenha o seu ocaso, para virem jornadas pela Europa”.<sup>7</sup>

O articulista refere a importância do **alojamento turístico** para reter em Lisboa esses viajantes, considerando que os hotéis muito teriam a lucrar com “a montagem dos mais modernos requisitos de conforto, as facilidades aduaneiras, e finalmente o rápido e cómodo transporte para além fronteiras.”

O **turismo náutico** é abordado também no primeiro número, a necessitar de propaganda, segundo o articulista (Labinna), porque – refere – “Uma viagem marítima a bordo de um pequeno vapor, onde o asseio seja irrepreensível, onde uma orquestra nos delicia, onde um salão nos atrai para uma partida de bridge, onde um restaurante nos chame para um bom jantar, tudo isto, além dos espectáculos que a natureza nos possa proporcionar e dos encantos do bulício de uma assistência agradável, será ou não será, um ideal, uma justa aspiração, para quem possui um Tejo, um Mondego e a costa mais ocidental da Europa?”<sup>8</sup>

Na rubrica “Paisagens Portuguesas”, o **Douro** é a primeira região a que o articulista Guerra Maio dedica palavras poéticas.

---

<sup>7</sup> Maio, Guerra – “O Porto de Lisboa depois da Guerra”, in *Revista de Turismo*, ano I, n.º 1, 5 de Julho de 1916, pp.1,2.

<sup>8</sup> Labinna – “Turismo Náutico”, in *Revista de Turismo*, ano I, n.º 1, 5 de Julho de 1916, p.4.

Por fim, a notícia da **construção de novos hotéis**, “entrando no caminho das construções de grandes e confortáveis hotéis, mercê da lei sobre o assunto promulgada há tempos”<sup>9</sup>. Dá-se conta que nas Caldas das Taipas, se constrói com ligação às termas, e um Palace Hotel em Lagos.

Aliás, **Lagos** é matéria de primeira página no número seguinte, cuja baía é considerada como, potencialmente, “um porto de escala da grande navegação transatlântica”. O articulista lembra, por ocasião do Congresso de Turismo em 1911, que os vapores do Fabre Line – vapores de ligação das carreiras directas entre a Europa e a América – vieram a Lisboa, mas subsidiados pelo governo português. Pretendia-se que Lagos recebesse esses paquetes no seu porto de mar, propiciando o conhecimento das terras algarvias e ligado a Lisboa e a Madrid por comboios expressos: “Se o passageiro americano, curioso e amante de paisagens e costumes, lhe fosse permitido ficar em Lagos, até ao próximo paquete, certamente jornadiaria pela nossa terra deixando o seu ouro às mãos cheias por toda a parte”.<sup>10</sup>

No mesmo número, o antigo redactor principal do *Boletim da Sociedade Propaganda de Portugal*, Alberto Bessa, escreve sobre “**A Indústria do Turismo**”, no que diz respeito à promoção do país enquanto destino turístico, para o que bastaria oferecer o conforto e as comodidades ao turista: “bons caminhos para trilhar e bons hotéis para restaurar as forças gastas e para lhe proporcionarem sossegado repouso”.<sup>11</sup>

Nestes dois números iniciais, é marcado o tipo de notícias que percorreriam os anos de existência da *Revista de Turismo*. **Lisboa como centro de turismo principal, irradiando para o país, de norte a sul, nesta viagem em que, amiudadas vezes, o comboio é meio privilegiado de tema, levando o leitor desde as praias à serra, do Minho ao Algarve, terras de romarias diversas, tanto apreciadas como manifestação cultural com interesse turístico, mas também as estradas são, não por poucas vezes, motivo de escrita para se exigir melhoramentos, beneficiando o turismo.**

A *Revista de Turismo* publica-se quando está presente a discussão sobre a regulamentação do “jogo de sorte e azar” e uma ideia de “hotel português” ou “hotéis de província”.

Além-mar, por “navegação para o Oriente” ou “navegação para a América do Norte”, **escreve-se sobre os motivos de descoberta de outras paragens turísticas, em crescimento, mas onde também se podia promover Portugal**. Era o tempo das termas, e fazer a propaganda no estrangeiro das nossas águas minerais “seria semear a riqueza do nosso país. Assim, duma propaganda bem orientada, no Brasil, na Argentina e no Pacífico, e até mesmo na América do Norte, da nossa paisagem, do nosso clima e das nossas águas

---

<sup>9</sup> “Novos hotéis”, in *Revista de Turismo*, ano I, n.º 1, 5 de Julho de 1916, p.8.

<sup>10</sup> Maio, Guerra – “O Futuro de Lagos e o Turismo”, in *Revista de Turismo*, ano I, n.º 2, 20 de Julho de 1916, p.10.

<sup>11</sup> Bessa, Alberto – “A Indústria do Turismo”, in *Revista de Turismo*, ano I, n.º 2, 20 de Julho de 1916, p.11.

minerais, tirar-se-ia uma certa concorrência a Vichy, Marienbad, aos Cauterets e a tantas outras estâncias de água estrangeiras”<sup>12</sup>

A missão foi cumprida para “**Portugal. Paiz excessionalmente talhado para o turismo**”. Os seus redactores confiavam que não houvesse no mundo um país “com tão boas condições naturaes para o turismo, como Portugal. A nossa situação privilegiada no extremo ocidental da Europa, com o melhor porto da Península, d’onde irradiam linhas de navegação para todo o Brazil, para a Argentina, e, em breve para os portos do Pacífico, em direitura, por essa obra admirável da engenharia, o canal do Panamá, e de onde partem linhas férreas para o centro da Europa, como o melhor encurtamento da viagem transatlântica, com uma extensa praia de finas areias de oiro, onde o mar se espreguiça n’uma extensão de mais de 200 leguas mineraes para todas as doenças e, sobretudo, com uma paisagem de idílios e fantasias sempre verde, formam um conjunto de riquezas para o turismo, como nenhum pais possui.”<sup>13</sup>

Apenas surgem **anúncios** no início e fim de cada volume. Casas bancárias e termas são recorrentes, mas os contributos publicitários vão escasseando.

No final da publicação, os seus responsáveis lamentam: “Resta-nos a consciência de que o pouco que se fez em matéria de turismo foi sugerido pelo que aqui se escreveu sem que, comtudo, levemos isso á conta do nosso engrandecimento.”<sup>14</sup>

Jorge Mangorrinha

Lisboa, 16 de Janeiro de 2012

---

<sup>12</sup> “Conferência sobre Turismo”, in *Revista de Turismo*, ano I, n.º 8, 20 de Outubro de 1916, p.64.

<sup>13</sup> Maio, Guerra – “Conferência sobre Turismo”, *Revista de Turismo*, 20 de Outubro de 1916, p. 63.

<sup>14</sup> *Revista de Turismo*, n.º 144, Junho de 1924, p. 577.